

**O ESTUDO DE NARRATIVAS DE MISTÉRIO
EXPLORANDO A LINGUAGEM DOS JOGOS
E DOS ENIGMAS DE RACIOCÍNIO LÓGICO:
EXPERIÊNCIAS DE LEITURA COM ALUNOS DO 8º ANO**

Patrícia Peres Ferreira Nicolini (UENF)

patricianicolini@saocamilo-es.br

Clesiane Bindaco Benevenuti (UENF)

clesiane@gmail.com

Analice Martins de Oliveira (IFF/UENF)

analice.martins@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compartilhar um projeto de leitura de narrativas de mistério desenvolvido com alunos do 8º ano do ensino fundamental II de uma escola particular do município de Cachoeiro de Itapemirim – ES, as práticas de leitura foram muito oportunas para trabalhar a construção de inferências, uma vez que o bom leitor é capaz de levantar hipóteses a partir dos indícios oferecidos pelo texto. Nessas aulas, os alunos são convidados a analisar textos do gênero da autora Lygia Fagundes Telles observando estratégias narrativas e explorando o exercício de levantar hipóteses. As estratégias narrativas também são estudadas na linguagem cinematográfica com a análise do filme “O enigma da pirâmide”, de Steven Spielberg, e na linguagem dos desafios lógicos do livro *O Enigma de Einstein*, de Jeremy Stangroom. A constituição dessa proposta se baseou nos estudos de Tzvetan Todorov, *Introdução à Literatura Fantástica* e “Tipologia do Romance Policial” em *As Estruturas Narrativas*. O produto final dessas aulas é uma “gincana de enigmas” dividida em três dias. Nessa gincana, a escola se transforma num tabuleiro de jogos, cada grupo tem um crime para resolver e as pistas estão espalhadas pela escola. Um exercício de muita leitura e dedução lógica.

Palavra-chave: narrativa de mistério, desafios lógicos, leitura.

1. Introdução

O ensino fundamental é a etapa em que o aluno constrói a base de sua formação e um dos fundamentos importantes dessa base é a leitura, que deveria ter na escola um espaço privilegiado para seu exercício e valorização, uma vez que na sala de aula circulam vários gêneros textuais, visto que são objetos da aprendizagem.

No entanto, mesmo com esse espaço pertinente para falar sobre textos, o professor depara-se com grandes desafios, uma vez que um aluno-leitor tem que ser conquistado e convencido. A leitura pertence ao

educar, portanto cabe ao professor a tarefa de desenvolver estratégias e metodologias de aprendizagem significativa e contextualizadas para que o texto seduza o aluno-leitor e que este possa estar apto para desvendar todos “os não ditos” que o constituem, no intuito de formar sujeitos capazes, críticos e emancipados intelectualmente, socialmente, culturalmente e politicamente.

A proposta do trabalho é apresentar um projeto exitoso de leitura de textos ficcionais, especificamente a narrativa de mistério, desenvolvido com alunos do 8ºs anos de uma escola particular do estado do Espírito Santo. A intenção é mostrar estratégias de leitura diferenciadas para possibilitar ao aluno uma leitura significativa. As narrativas de mistério são bem apropriadas para trabalhar a construção de inferências e são bem aceitas por alunos dessa faixa etária (13/14 anos), uma vez que elas se valem de recursos que criam tensão e, sobretudo, procuram intrigar o leitor apresentando-lhe ocorrências incomuns e ambíguas, que poderão se revelar naturais, frutos de equívocos, ilusões, fraudes e crimes. As atividades práticas que serão apresentadas devem ser entendidas no interior da concepção da linguagem como forma de interação. Segundo Menezes, ler é dialogar com o texto:

Ler é estar psicologicamente disposto a fazer perguntas, buscar respostas e, preferencialmente, saber onde encontrá-las. Muitas vezes, as respostas não são explícitas. Ou, ainda, não podem ser encontradas na área do conhecimento de que faz parte a pergunta. Mas a própria existência da dúvida revela nova possibilidade de interpretação e, portanto, desconfiança do texto lido, o que já é saudável para abrir possibilidades de leitura. Além disso, uma pergunta do leitor fará parte de uma incansável busca pela resposta. Mesmo que não se chegue a ela de imediato, a existência da dúvida é caminho aberto para a busca de respostas. (MENEZES, 2005, p. 10)

A leitura de narrativas de mistério requer um leitor mais atento, visto que ao longo do texto são encontrados indícios que possibilitam a formulação de hipóteses, o leitor também é de certa forma um detetive buscando a solução do mistério. Contudo, muitas vezes, devido à complexidade da leitura, o aluno não percebe os indícios, não consegue ler as entrelinhas, interpretar o texto e tomar uma posição diante dele. Sendo assim, o discente precisa de alguma estratégia de leitura que lhe mostre o caminho, esse é o papel do professor, mediar a interação entre aluno-leitor e texto.

Nessa perspectiva, serão apresentadas algumas estratégias de leitura do gênero mistério na linguagem literária, na linguagem audiovisual e em desafios lógicos estabelecendo um diálogo entre a teoria e a prática.

A intenção não é apresentar “receitas de estratégias de leitura”, mas mostrar alternativas possíveis e viáveis que proporcionam resultados de leitura mais satisfatórios.

2. *Leitura: um desafio*

O primeiro desafio precisa ser vencido pelo professor, pois para se alcançar um bom resultado, espera-se que o professor seja um bom leitor, porque só sendo conhecedor do seu objeto de trabalho, o texto, que ele será capaz de criar estratégias de leitura satisfatórias. Se não for assim, restará a esse profissional cair em tentação de trabalhar a leitura de forma limitada, atendendo aos parâmetros e propostas dos livros didáticos e/ou apostilas sem nenhuma contextualização ou preparação de conhecimentos prévios necessários para o aluno interpretar o texto. Por parte do aluno, ficam interrogações no ar: Qual a finalidade de ler este texto? Em que essa leitura irá me acrescentar? Cosson diz que “aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas”. (COSSON, 2007, p. 40)

Para Lajolo:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido do texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982, p. 59)

Diante disso, pedir ao aluno que abra o livro na página X e leia o texto Y para depois responder às perguntas na página Z são práticas que realmente não garantem uma leitura significativa, a qual seria a leitura como um processo de interlocução, o leitor não é e não pode ser passivo nesse processo, ele precisa interagir com o texto, ativar conhecimentos prévios, relacionar informações, preencher lacunas e buscar significação. Nesse processo, leitor e texto são agentes de uma ação dialética capaz de cruzar vários discursos e linguagens proporcionando inúmeras possibilidades de mediação e interações sociais e culturais geradoras de conhecimento.

Segundo Chiappini, “é o leitor que faz o texto funcionar” (CHIAPPINI, 2004, p. 51). Geralmente, falta ao aluno esta maturidade de leitor, que só pode ser adquirida com a experiência de leitura de outros textos, muitos outros textos. Para Lajolo, “leitor maduro é aquele para

quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida”. (LAJOLO, 1982, p. 53)

Nessa perspectiva, o segundo desafio é a imaturidade leitora do aluno, que, geralmente, não tem muitas vivências de leitura, os motivos são os mais diversos, desde a família que não tem hábito de ler ou até mesmo a escola não ter uma biblioteca e não oportunizar a leitura. O fato é que quanto mais imaturo é o leitor, mais dificuldade para estabelecer relações de sentido, preencher as lacunas do texto para interpretá-lo. Por isso que as aulas de leitura precisam ser mais planejadas e articuladas, o aluno precisa dessa mediação para ter uma leitura significativa.

Saber ler é uma ação reflexiva capaz de proporcionar muitas possibilidades de apreensão de conhecimento, tornando o leitor o sujeito de uma ação interativa. Nesse contexto, o sujeito é aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, classifica, reformula, comprova, formula hipóteses em uma ação interiorizada ou em ação efetiva na perspectiva de conhecer, modificar, transformar o objeto de maneira que possa compreender o modo como o objeto é construído:

A leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios (linguísticos, textuais e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto, que não se limite à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas. E, mais ainda, que seja capaz de ultrapassar os limites pontuais de um texto e incorpore-o reflexivamente no seu universo de conhecimento de forma a levá-lo a melhor compreender seu mundo e seu semelhante. Cabe à escola o desafio da formação desse leitor. (BRANDÃO & MICHELETTI, 1997, p. 22)

O terceiro desafio é o encantamento desse aluno-leitor, isto é, como “fisgá-lo”, como conquistá-lo, uma vez que há uma oferta tão grande de linguagens midiáticas e de novas tecnologias da informação e que do ponto de vista da maioria dos alunos são mais atrativas, um mundo globalizado onde o sujeito contemporâneo recebe informações em excesso. Conforme Martins, cabe ao professor “viabilizar um processo que transforme o excesso de informação, a que todos nos sujeitamos, em conhecimento”. (MARTINS, 2008, p. 01)

Em nenhum momento foi dito que a tarefa é fácil, mas é possível, desde que aja comprometimento do professor e muita criatividade para criar estratégias de leitura inovadoras, utilizando diferentes linguagens e novas tecnologias.

3. *A narrativa de mistério*

Os textos trabalhados nesse projeto contemplam o gênero mistério, mais especificamente narrativas policiais ou de enigmas. Para Todorov (2003), essas narrativas estariam no âmbito do fantástico que divide uma fronteira tênue com o maravilhoso. Para os alunos do 8º ano, essa teoria é trabalhada de forma bem simplificada. Grosso modo, a narrativa de mistério se aproxima do fantástico/estranho, os fatos e acontecimentos narrados parecem sobrenaturais ao longo de toda história, no entanto, no final recebem uma explicação racional, como, obra do acaso, coincidências, sonho, influência das drogas, fraudes, jogos falseados, ilusão de sentimentos ou loucura:

O romance policial de mistério se assemelha do fantástico, mas também se lhe opõe: nos textos fantásticos, ainda que nos inclinemos de preferência para uma explicação sobrenatural; o romance policial, uma vez terminado, não deixa qualquer dúvida quanto à ausência de acontecimentos sobrenaturais. (TODOROV, 2003, p. 56)

Há estratégias narrativas no gênero mistério no intuito de tornar a leitura mais intrigante. O leitor é levado em um jogo de hipóteses e deduções a partir de fatos que lhe são apresentados como extraordinários e coincidências singulares.

Segundo estudo de Todorov (2003) apresentado em “Tipologia do Romance Policial”, o clima de suspense é o ponto chave desse gênero, basicamente, a história gira em torno de um crime cuja autoria e motivação precisam ser desvendadas; há no mínimo três personagens: a vítima, o criminoso e um detetive, podendo haver personagens secundários (suspeitos, amigos, auxiliares, etc.); o detetive geralmente aparece na história depois que crime é cometido; o mistério é parte importantíssima da história e cabe também ao leitor decifrá-lo. A descoberta do mistério é sempre decorrência da lógica, jamais do sobrenatural:

O romance policial de mistério, onde se procura descobrir a identidade do culpado, é construído da seguinte maneira: há por um lado muitas soluções fáceis, à primeira vista tentadoras, mas que se revelam falsas uma após outra; por um lado, há uma solução inteiramente inverossímil, à qual só se chegará no fim, e que se revelará a única verdadeira. (TODOROV, 2003, p. 55)

Na narrativa de mistério/enigma a solução é difícil de ser encontrada chegando mesmo a desafiar a razão, um excelente exercício de busca de indícios e formulação de hipóteses, pois o bom leitor é aquele capaz de formular hipóteses a partir dos indícios do texto, a leitura do “não dito” que nada mais é que a interlocução entre leitor e texto.

4. Da teoria para a prática em sala de aula: atividade preliminar

Planejar uma atividade preliminar motivadora é primordial nesse processo para conquistar o leitor, o aluno precisa ser desafiado, provocado, instigado a contribuir e desenvolver capacidade de raciocínio, ele precisa desejar se posicionar diante de um texto. Para isso, a atividade preliminar deve ser significativa e lúdica para capturar o interesse do aluno.

A primeira atividade desse trabalho foi retirada do livro “O enigma de Einstein”, de Jeremy Stangroom, um desafio lógico chamado “O enigma de Einstein” (p. 10 a 12), o próprio enunciado é motivador, nele diz que somente 2% da população do mundo seria capaz de acertar a resposta. Os alunos são divididos em trios e os três primeiros trios que acertarem a resposta são contemplados com bombons. A participação é unânime, o problema apresenta os fatos e os indícios, o aluno tem que trabalhar com a leitura do “não dito”, preencher a lacunas e inferir a solução do mistério: Quem é o dono do peixe?

Todo esse processo é feito com muito entusiasmo por parte dos alunos e eles nem percebem que estão exercitando a leitura. Cosson diz que “é o leitor que elabora e testa hipóteses sobre o que está no texto. É ele que cria estratégias para dizer o texto em base naquilo que já sabe sobre o texto e o mundo” (2007, p. 39). Geralmente, todos os trios conseguem desvendar o mistério, é lógico que cada grupo tem um tempo diferente, mas o que vale são as tentativas de leitura, a troca entre os integrantes do grupo no intuito de preencher o “não dito” e o entusiasmo em desenvolver a tarefa.

4.1. Narrativas de mistério: textos de Lygia Fagundes Telles

O primeiro texto do gênero analisado foi o conto “O dedo”, de Lygia Fagundes Telles, esse texto foi escolhido, pois sua leitura permite ao aluno aguçar a imaginação e a formulação de hipóteses. Nele, a narradora personagem encontra um dedo na praia sem a falange em que fica a unha, a única pista é um anel de esmeralda, dessa pista, a narradora formula várias hipóteses que geram muitas dúvidas. O texto foi entregue ao aluno como um desafio, na primeira leitura, ele teria que compreender a sucessão dos fatos acontecidos e o conjunto da história narrada, sem se preocupar com detalhes ou palavras que foram destacadas intencionalmente no texto.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

A segunda leitura é compartilhada, o professor lê os primeiros seis parágrafos e discute com os alunos sobre as passagens destacadas, a sala participa dando opiniões e questionando os detalhes do texto, o professor pede aos alunos que façam anotações na margem do texto.

A terceira leitura é compartilhada em duplas, cada dupla faz o restante da leitura do texto e fazem observações sobre os trechos destacados, as observações são compartilhadas pela turma. Na sequência, cada aluno monta um diagrama com as hipóteses da narradora sobre quem seria a dona do dedo.

A partir desse texto são trabalhadas as características do gênero, o texto escolhido não segue à risca a estrutura da narrativa de mistério ou enigma, mas se destaca pela originalidade, o maior mistério apresentado por esse conto não é a história de um cadáver atirado ao mar, mas os complexos meandros da alma humana, que se manifestam nos pensamentos e nas atitudes da narradora.

Na sequência do projeto, são formadas rodas de leitura uma vez por semana, em duas aulas são trabalhados de dois a três contos do livro *Venha Ver o Pôr do Sol e Outros Contos*”, também de Lygia Fagundes Telles, as rodas de leitura geralmente são feitas em alguma sombra do pátio da escola ou na biblioteca, elas precisam se tornar um evento especial. A leitura é pautada, cada trecho importante é discutido, para cada indício encontrado no texto, os alunos são desafiados a formular hipóteses, o conto, que dá título ao livro, “*Venha Ver o Pôr do Sol*”, “As formigas” e “Antes do baile verde” são geralmente os mais polêmicos, são os que geram mais discussão e participação.

O conto, que dá título ao livro, gera muitas polêmicas devido às inúmeras pistas deixadas por Ricardo sobre sua terrível intenção, se Raquel fosse mais atenta, ela teria pegado Ricardo em várias mentiras e contradições e teria percebido que aquele encontro no cemitério não passava de uma cilada muito bem armada. No segundo conto citado, os alunos são tentados a buscar uma solução sobrenatural para o fato do esqueleto de um anão ser montado por uma tropa de formigas. Conforme Todorov, “quando a solução do mistério desafia nossa razão, o leitor está preparado para aceitar o sobrenatural e a ausência de uma explicação”. (2003, p. 55)

O conto “Antes do baile verde” é impactante devido ao desamor da filha em relação ao pai doente, o mistério se o pai está morto ou não em seu quarto não pode ser desvendado, porque a filha deseja ir a um

baile de carnaval. Depois desse trabalho efetuado, os alunos fazem uma atividade avaliativa de verificação de leitura.

4.2. Análise do filme “O Enigma da Pirâmide”, de Steven Spielberg

Na exibição do filme são aprofundadas as características do gênero policial ou de enigma. A exibição é intercalada com momentos de diálogo entre a teoria e o objeto de estudo. Nele, um crime é cometido por um assassino misterioso envolto por uma capa preta, o detetive responsável por solucionar esse mistério é o jovem Sherlock Holmes. No filme, Holmes ainda não é um detetive renomado, é um jovem que estuda em uma prestigiada instituição de ensino para rapazes, no entanto já está munido por sua grande capacidade de observação e sabe empregar métodos científicos e raciocínio lógico.

Adaptar o conteúdo a variadas linguagens é muito importante para manter o aluno interessado e é um ótimo mecanismo para trabalhar a capacidade de estabelecer relações de conhecimento. A linguagem audiovisual é bem aceita no mundo contemporâneo. Segundo Silva:

Nos dias de hoje, nos lembra Fuzellier (1964, p. 126), o surgimento frequente de novas linguagens multiplica os tipos de adaptações possíveis. Não passamos somente de um gênero literário a outro, mas assistimos a um cruzamento vertiginoso entre os gêneros literários e as diversas linguagens: o cinema, a TV, o rádio etc. (SILVA, 2004, p. 84)

Geralmente, a linguagem audiovisual é mais familiar aos alunos, sua aceitação é melhor por ela estar mais presente em sua realidade. Para Schøllhammer:

Assim, o cinema possui uma riqueza imaginária que facilita a expansão do repertório experimental do espectador, já que o cinema o permite, por exemplo, realizar incursões imaginárias em realidades sociais excluídas para a maioria e, desse modo, compensar as estruturas proibitivas do tecido humano. (SCHØLLHAMMER, 2008, p. 96)

A cada novo indício, a exibição era interrompida e os alunos eram estimulados a formular hipóteses e chegar à solução do mistério. Antes do final do filme, os alunos desenvolveram uma atividade em que os indícios e as hipóteses são diagramados, no intuito de chegar ao nome do assassino e a motivação do crime. Só após o término da atividade, o final do filme é revelado. Geralmente, a maioria dos alunos soluciona o misté-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

rio, visto que assistem ao filme com muita atenção e fazem anotações ao decorrer das discussões.

4.3. Gincana *Mystery Games*

O produto final desse trabalho é uma gincana, na qual os alunos vivenciam o conhecimento adquirido nas aulas de leitura. A gincana que foi dividida em quatro etapas:

1ª ETAPA – Elementar, meu caro Watson!

Nesta etapa, a competição é interna, isto é, em cada turma de 8º ano, as quatro equipes formadas em cada turma participaram de um grande jogo de mistério formulado pela professora. Cada equipe tinha um mistério para desvendar, as pistas estavam escondidas em vários pontos da escola, para encontrar cada pista era preciso solucionar um enigma até chegar à solução do mistério. Por exemplo, um grupo recebeu a seguinte proposta:

O CASO DA MENSAGEM EM CÓDIGO

Na semana passada, o triste canto de um canário doente levou a proprietária do prédio, Sra. Hilda Trevors, a averiguar a pequena dependência acima da loja de penhores, onde ela encontrou o dono do canário e da loja, Rafer Harmon, morto por um ataque cardíaco.

Harmon caiu de bruços sobre sua escrivaninha, em estilo eduardiano, cercado por um mundo de objetos penhorados, entre os quais, podia-se notar um ábaco de ouro, um banco de sapateiro, uma velha armadura inglesa, uma curiosa cortina vitoriana, um faqueiro de prata, uma velha placa de hotel talhada à mão, uma coleção de porcelana holandesa e uma enorme variedade de instrumentos musicais, relógios e despertadores.

Em cima da escrivaninha, perto de Harmon, estava um envelope endereçado a um tal de Harry Blake, preço na Suíça.

Uma investigação preliminar feita pela polícia revelou que Rafer Harmon era, na verdade, Rodolph Hickel, um ladrão pé-de-chinelo procurado pelas autoridades por seu envolvimento num grande número de pequenos roubos. Hickel saiu de circulação há alguns anos, após passar a perna em dois ladrões amigos, envolvidos num grande roubo de um museu em Londres.

Hickel desapareceu com os dois itens mais valiosos do roubo – as famosas pérolas gêmeas “Olhos da Lua” – valendo mais de 50 mil libras cada uma. Seus comparsas e a polícia têm procurado por Hickel desde então.

O envelope na escrivania de Hickel contém aparentemente uma mensagem em código. A polícia acredita que Hickel, ao sentir que ia morrer, escreveu essa nota pretendendo enviá-la para seu melhor amigo, Harry Blake, que espera por sua libertação nas próximas semanas.

A mensagem é a seguinte:

NHQZMCBPSMNXZPZGJN

Incapaz de decifrar o código, a polícia vem pedir a ajuda de Sherlock Holmes. Ela quer que Holmes *decifre a mensagem*.

Watson balança a cabeça totalmente incrédulo, enquanto Holmes estuda a mensagem, tira uma baforada do cachimbo e comenta que deve ser uma mensagem elementar.

A PRIMEIRA PISTA ESTÁ COM UM CARA QUE É “A MAIOR DOIDEIRA”, É SÓ FALAR UM FATO HISTÓRICO PRA ELE, QUE O MC RIMA SEM DAR BOBEIRA.



Na parte inferior da carta está o enigma para saber onde está o próximo envelope, no caso desse mistério, a primeira pista está com o professor de história em alguma sala de aula em que ele estivesse dando aula. Após decifrar o enigma, o grupo encontra a primeira pista. PISTA 01: CÓDIGO: H = L; B = E; X = C


No envelope há um enigma para encontrar a segunda pista:

A SEGUNDA PISTA NÃO PODERIA ESTAR EM MELHOR LUGAR. O PONTEIRO MENOR ESTÁ NO NOVE E O PONTEIRO MAIOR ESTÁ NO CINCO. NINGUÉM ESQUECE ESSA HORA.

A hora marca o horário do recreio, o envelope dois só pode estar na cantina. No envelope, a pista é a seguinte: **PISTA 02**: CÓDIGO: J = I; P = N

No envelope segue o enigma para encontrar o próximo envelope

A TERCEIRA PISTA ESTÁ NA  - CICLETA +  - BÍ

- A + O +  - DISCO.

O envelope três está na biblioteca. A dinâmica e esta, são quatro mistérios diferentes, cada mistério tem dez pistas espalhadas por toda es-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

cola, há um guardião, nos envelopes anteriores, os guardiões eram o professor de história, a atendente da cantina e bibliotecária. O grupo que conseguir reunir todas as pistas e solucionar o enigma em menos tempo ganha esta etapa. Lembrando que os enigmas são diferentes para cada grupo.

2º ETAPA – Os pequenos detalhes são sempre os mais importantes

Nessa etapa, cada equipe terá que pesquisar enigmas ou problemas de raciocínio lógico para desafiar seus oponentes em um jogo de perguntas e respostas. O grupo que passar por todas as rodadas e derrotar todos os seus oponentes será o vencedor.

3ª ETAPA – O segredo é ter “mais coração nas mãos”

Essa etapa da gincana é solidária. Cada equipe arrecadou doações que foram entregues aos alunos carentes da E. E. E. F. M. “Professora Hosana Salles” e outras escolas do município. O grupo que conseguisse a pontuação mais alta seria o vencedor. Segue a lista de itens e a pontuação.

1. Mochila em bom estado 50 pontos.
2. Tênis em bom estado 50 pontos.
3. Calça jeans em bom estado 40 pontos.
4. Caderno 10 matérias 15 pontos.
5. Caderno 01 matéria 10 pontos.
6. Bolsinha de lápis (nova ou em bom estado) ... 10 pontos.
7. Lápis 03 pontos
8. Borracha 03 pontos
9. Apontador 04 pontos
10. Caneta 04 pontos
11. Régua 03 pontos
12. Lápis de cor 15 pontos.
13. Cola 04 pontos
14. Tesoura sem ponta 05 pontos
15. Outros: Combinar pontuação com a professora
e a coordenação pontos

4ª ETAPA – Nada é mais enganoso do que um fato óbvio.

Após a apuração dos pontos das três primeiras etapas, o grupo vencedor do 8ºM1 e o grupo vencedor do 8ºM2 participaram da 4ª etapa. Nessa etapa, as equipes vencedoras investigaram um enigma proposto pela professora, a equipe que primeiro solucionou o mistério foi a campeã do *MYSTERY GAMES*.

5. Considerações finais

O trabalho desenvolvido com as narrativas de mistério superou todas as expectativas, a mobilização dos alunos em todas as etapas do projeto foi excelente. A cada texto analisado, a busca pelos indícios era mais implacável, o olhar mais atento, os questionamentos mais pertinentes e as inferências mais plausíveis.

A entrega por parte dos alunos foi fundamental, eles se sentiram desafiados e “compraram a briga”, aceitaram as provocações e partiram em busca do conhecimento. A etapa solidária arrecadou tantas doações que alunos carentes de duas escolas da periferia do município foram contemplados com mochilas, tênis, material escolar e roupas.

Além de tomarem um posicionamento diante do texto, eles também tomaram um posicionamento diante da vida, professora e alunos saíram da zona de conforto, saíram das práticas engessadas e sem significação de práticas de leitura mecanizadas. Menezes diz que “o prazer de ler e o de fazer perguntas ao texto nasce no aluno que poderá aplicar esse procedimento de leitura em outros textos” (2005, p. 11). Fazer esse “prazer” nascer é uma tarefa possível, o aluno precisa de alguém lhe aponte caminhos e há várias possibilidades de trabalhar essa mediação entre leitor/texto, basta o professor estar disposto a enfrentar esta empreitada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Helena H. Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática de leitura. In: CHIAPPINI, Lígia (Coord.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 17-30.
- CHIAPPINI, Lígia. A circulação dos textos na escola 2. In: CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 9-16.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1. ed., 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2007, p. 39-40.

LAJOLO, M. *Usos e abusos da literatura na escola*. São Paulo: Globo, 1982, p.53 e p.59

MARTINS, Tatiane Marques de Oliveira; VENTURA, José Emílio. *Machado por um olhar digital*. Disponível em:

<http://www2.csa.com.br/machado/trab_machado_assis/proposta/Machado%20por%20um%20olhar%20digital.pdf>. Acesso em: 22-09-2012.

MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís; MARCONDES, Beatriz. *Como usar outras linguagens na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. A leitura e a cultura visual. In: _____. *Literatura e cultura*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2008.

SILVA, Salette Therezinha de Almeida. A linguagem cinematográfica na escola: uma leitura d'*O Rei Leão*. In: CITELLI, Adilson. (Coord.). *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 81-108.

STANGROOM, Jeremy. *O enigma de Einstein*. 3. ed. São Paulo: Marco Zero, 2012.

TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. Ilustr.: Dave Santana e Maurício Paraguassu. 20. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. O dedo. In: _____. *Mistérios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 39-45.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. In: _____. *As estruturas narrativas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 93-104.

_____. O estranho e o maravilhoso. In: _____. *Introdução à literatura fantástica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 53-59.